

«Incidente no Cuango,1962»  
autor: Tenente-General Figueiredo Valente



Tenente-General Reformado Figueiredo Valente



**Incidente no Cuango**  
**Paixão quase trágica**  
**(versão angolana, 1962)**

Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem do crânio superior direito das páginas: imagens-de-arte-artigx-cartocartinho.com.br



# «Incidente no Cuango,1962»

## autor: Tenente-General Figueiredo Valente

---

**Unidade Mob:** RAP 2 – Vila Nova de Gaia **BArt 346**  
**Cmdt:** TCor Art Alberto Augusto da Costa Andrade  
**2.º Cmdt:** Maj Art Francisco Pereira Palminha  
**OInfOp/Adj:** Cap Art José Fernando Valles de Figueiredo Valente  
**Cmdts Comp:**  
**CCS:** Cap Mil Art José Flores Calado Romão  
Cap Mil Art Henrique Carlos Henriques  
**CART 294:** Cap Art Afonso de Carvalho Gonçalves  
**CART 347:** Cap Art Renato Ferreira Lopes Pereira  
Cap Mil Art Adolfo Melo Coelho de Moura  
**CART 348:** Cap Art Ângelo Manuel Albergaria Pacheco  
**Divisa:** “Bravos e Sempre Leais”  
**Partida:** Embarque em 12Jan62; desembarque em 24Jan62  
**Regresso:** Embarque em 23Mar64

### Síntese da Actividade Operacional

Inicialmente, o BArt ficou aquartelado no Grafanil, ficando integrado no dispositivo de defesa de Luanda, até 16Abr62, tendo, em 12Mar62, a CART 294 marchado para Tomboco, como reforço temporário do Sector 4, até 03Abr62.

Por sua vez, o BArt foi render, em Sanza Pombo, então Sector 2 e depois Sector I, o BCaç 92, assumindo a responsabilidade da ZA, com cerca de 20.000 Km2, em 27Abr62. A CART 347 rendeu a CCaç 94 em Quimbele e a CART 348 rendeu a CCaç 95 na Uamba, em 12 a 17Abr62, respectivamente; a CCaç 294, regressada ao BArt após operações nas zonas do Ambriz e Ambrizete, rendeu a CCaç 93 em Buenga e Cuilo Pombo, em 27Abr62. O dispositivo, além do mencionado, compreendia a 5.ª CCaç/BC 3 (GN) em Macocola, havendo, no final, destacamentos em Nova Esperança, Icoça, Cuango, Quicua, Cuilo Pombo, Caiongo, Uamba, Santa Cruz e Massau.

Na ZA, na qual vivia, nas povoações, uma numerosa população de cerca de 100.000 habitantes, o In, inicialmente, apenas se revelava com muitas referências, imediatamente para lá da fronteira; entretanto, a partir de Dez62, iniciou ataques a povoados, com raptos, mortes e incêndios, sobretudo ao longo da fronteira Leste, na região do rio Cuango, registando-se ataques a aquartelamentos das NT, como a Quicua, em Out63, onde o In, na reacção, sofreu pesadas baixas; ataques a colunas auto, em 18Fev64, e implantação de engenhos ACar e APes.

A fraca quadrícula para tão extensa e vasta zona, obrigou a sucessivos reforços do BArt, sobretudo na margem do rio Cuango. Assim, várias subunidades foram colocadas no terreno de forma a impedirem ou dificultarem a acção In, como a 1.ª CCaç/RISB (GN) em Sanza Pombo e dois pelotões da 6.ª CCaç/RISB (GN). Refira-se ainda o extraordinário empenho do BArt na promoção e ajudas sanitárias e outras às populações, com destaque para o campo educacional, com intervenção de muitos elementos do BArt, que proporcionou a centenas de crianças, a realização, com êxito, de exames das classes primárias.

Em 15Mar64, o BArt foi rendido na ZA pelo BCav 631.

# «Incidente no Cuango,1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente



Tenente-General Reformado Figueiredo Valente



Fontes: esta imagem: upload.wikimedia.org; imagem do curso superior direito das páginas: imagens: deste antigo: carbo.secutinhibo.torraweb.biz.

O Rio Cuango corre no sentido geral Sul-Norte, desaguando a Norte de Angola, num dos afluentes do Rio Zaire (Congo), um dos grandes rios africanos, e numa parte do seu curso constitui fronteira entre Angola e o antigo Congo Leopoldville, atual Republica Democrática do Congo.

Naquela região, o seu leito separa os territórios de duas nações distintas que são, contudo, ocupados por povos de uma única etnia, os congolezes, que têm familiares de um e outro lado do rio.

O seu curso está cheio de pequenas ilhas e bancos de areia onde preguiçam ao sol os crocodilos e, no seu trajeto em Angola, passa junto a duas povoações que foram ocupadas por guarnições de Subunidades do meu primeiro Batalhão, o Batalhão de Artilharia 346.

Essas povoações, Massau mais a Sul e Cuango mais para jusante, eram dois postos fronteiriços, outrora de importância no controle da fronteira, que justificavam a presença nesses locais de agentes fiscais e órgãos administrativos e que, dessa forma, eram também uma afirmação da nossa soberania nessas terras do interior.

Nas margens arenosas do rio, perto da povoa-

ção do Cuango, podiam ainda ver-se os restos do que parecia ter sido uma caldeira que, segundo diziam, teria pertencido a uma das pequenas canhoneiras a vapor em que, nos finais do século XIX e inícios do século XX, os exploradores e militares penetravam no interior do território através dessas extensas vias fluviais, e que ali fora acabar os seus dias.

Facto verdadeiro ou lenda, o certo é que aquela insólita presença poderia ser motivo para uma interessante história.

As subunidades que ocupavam essas povoações, a distâncias das sedes das respetivas Companhias da ordem dos 100 a 150km e ainda mais distantes do Comando do Batalhão, continuavam a afirmar ali a nossa soberania e realizavam ainda, de acordo com as respetivas missões operacionais, um conjunto de ações no sentido de detetar e atuar contra grupos de guerrilha infiltrados nas suas Zonas de Ação vindos de território congolês, embora num âmbito muito limitado e com pequena eficácia devido aos reduzidos meios de que dispunham em pessoal e viaturas.

A Zona de Ação (ZA) do meu Batalhão abrangia a região NE do Distrito do Uíge e o Rio Cuan-

## «Incidente no Cuango, 1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente

go constituía o seu limite Leste, pois a sua margem direita era já território congolês.

Eu desempenhava as funções de Oficial de Operações e Informações e de Ação Psicológica do Batalhão e, no âmbito das minhas missões, além dos contactos e frequentes ações junto das populações, competia-me também obter informações para o planeamento e execução de operações com o fim de neutralizar os grupos de guerrilha que atuavam no interior da nossa ZA e que nela se infiltravam atravessando o Rio Cuango.

Por todas estas razões eram importantes os contactos que mantinha com as nossas guarnições fronteiriças e era com frequência que ali me deslocava, em particular à povoação do Cuango, onde estava destacado um Pelotão da Companhia sedeadada em Quimbele, e onde, através de contactos e de notícias recebidas de elementos do outro lado da fronteira, obtínhamos informações importantes e com alguma oportunidade.

As viagens até essas posições, por vezes realizadas no meu jeep integrado numa coluna militar, eram normalmente feitas a bordo de um Dornier, notável avião de asa alta, vulgarmente designado por DO 27, dotado de grande versatilidade, um autêntico jeep do ar, utilizado para missões operacionais de reconhecimento e de comando de ações em terra (Comando Aéreo), que realizava também missões de natureza logística e de transporte de pessoal e cargas ligeiras, e frequentemente, do tão desejado correio.

Era um avião de grande capacidade de manobra do qual, muitas vezes em missões de risco, os pilotos, alguns do Quadro de Complemento, contudo tão bons como os do Quadro Permanente, sabiam tirar pleno rendimento.

Nas extensas viagens que fazia nas minhas idas aquela afastada região fronteiriça do Cuango, percorríamos uma região planáltica que tinha particulares condições de clima que originavam que, a partir do meio da tarde, o teto baixasse muito obrigando a que o voo se fizesse muito perto do solo, criando assim um ambiente de sobrepressão onde com frequência se desenvolviam violentas trovoadas secas, com repetidos relâmpagos e raios que caíam à nossa volta num espetáculo de inegável beleza mas que inspirava o temor pelo receio de que uma dessas descargas de electricidade pudesse atingir o avião. Os pilotos queriam realizar esses voos o mais cedo possível por esse motivo mas também para que pudessem terminar a missão, quanto antes, pois nenhum deles desejaria ter que passar a noite fora da sua Base.

Nesses voos percorríamos distâncias da ordem dos 300km pois o voo não era direto e muitas ve-

zes sobrevoávamos o Rio Cuango voando baixo, procurando descobrir sinais de presença ou de passagem de grupos inimigos (IN).

Por diversas vezes, ao sobrevoarmos uma das pequenas ilhas onde havia vestígios de presença desses grupos, no final de um voo picado sobre a ilha e antes de uma abrupta subida, lançávamos granadas de mão ofensivas e efetuávamos rajadas da nossa arma automática sobre as manchas de vegetação onde poderiam abrigar-se os elementos IN que ali estivessem. É evidente que estes eram procedimentos não autorizados e só possíveis por anuência de alguns pilotos mais “desenrascados” aos quais solicitávamos que efetuassem aqueles sobrevoos.

As viagens de avião àquela guarnição eram relativamente frequentes pois as informações que lá procurávamos, obtidas através de diversas fontes, por vezes autoridades administrativas e guardas fronteiriços congolezes, eram importantes e até certo ponto credíveis.

O nosso bacalhau seco, recebido em caixas de madeira no interior de um recipiente de folha devidamente selado, era um presente muito apreciado pelos informadores que lhes abria a boca, não só com o apetite mas também para falar, e que despertava neles a vontade de outros encontros para nova troca de informações por bacalhau. Tínhamos a noção de que muitas notícias eram vagas, por vezes até originadas a partir de meras suposições, e é evidente que havia sempre necessidade de as avaliar quanto à sua origem, verosimilhança e enquadramento no quadro geral das



Avião DO 27 – Dornier

## «Incidente no Cuango, 1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente

informações, mas era importante manter a ligação com essas fontes de notícias pois davam-nos algum avanço no planeamento de ações a realizar.

O posto fronteiriço do Cuango fora estabelecido desde há muitos anos num pequeno planalto com um ligeiro declive pendendo sobre a margem esquerda do rio do mesmo nome, e estava situado no interior, numa região isolada muito afastada da povoação mais próxima, Quimbele, sede de uma Circunscrição que, salvo as respetivas proporções territoriais, era equivalente a um Concelho.

À época da ocupação do dispositivo territorial pelo meu Batalhão, Cuango era sede de um Posto Administrativo, com um Administrador de Posto (Chefe de Posto, como anteriormente era designado), que ali representava a Autoridade Administrativa da região e exercia as funções correspondentes, muitas vezes de uma forma algo exorbitante. Ali estava também instalado um Posto da Guarda Fiscal, com um graduado e reduzido número de guardas e auxiliares, com a missão (na circunstância, unicamente teórica) de vigilância da fronteira e controle aduaneiro.

Das únicas quatro casas existentes destacava-se em posição central, o Posto Administrativo onde residiam o Administrador e os elementos da Guarda-fiscal.

Numa casa muito degradada, à entrada da povoação, situava-se uma pequena loja, propriedade de um velho cantineiro, ali perdido no espaço e no tempo, que pouco mais tinha para vender que algum tabaco e bebidas e cujo reabastecimento só era assegurado através das infrequentes colunas das viaturas militares a Quimbele.

À entrada da povoação existia ainda o que restava das paredes de uma escola quase totalmente destruída logo no início dos acontecimentos em Angola.

Mais perto do rio, numa casa inicialmente destinada a residência do Administrador e num conjunto de abrigos improvisados, estavam instalados os militares do Pelotão ali destacado.

As condições de vida eram extremamente precárias e, também, no que respeitava aos abastecimentos, em particular frescos, trazidos nas espaçadas colunas à sede da Companhia. Felizmente que um administrador com visão, decerto há uns bons anos atrás, plantara duas fiadas de laranjeiras formando como que uma pequena alameda ao longo da povoação que, com as suas laranjas, proporcionavam aos militares um suplemento alimentar fresco e cheio de vitaminas de que eles tanto necessitavam.

Toda a povoação estava cercada de arame farpado e rodeada no exterior por um mal definido trilho que permitia que fosse percorrido o seu perímetro.

Na povoação viviam também, numa pequena sanzala, algumas famílias de naturais de etnia “maiaca”, que ali tinha uma reduzida representação, e que entendiam melhor o francês que o português. Tinham-se ali refugiado depois do início dos acontecimentos procurando a proteção que no exterior não encontravam. Viviam miseravelmente, pois apenas cultivavam umas pequenas lavras e quase não tinham meios de subsistência, sendo também ajudados pelos militares.

Junto desta sanzala viviam ainda, em casas de construção tradicional, os auxiliares nativos da pequena guarnição da Guarda-fiscal e os cipaios (Polícia Administrativa) da Administração do Posto.

O dia a dia dos militares era pois ali vivido na precariedade em todos os aspetos, sem meios de distração, só cortado por uma visita ocasional e pelas idas à sede da Companhia, em Quimbele, a mais de centena e meia de quilómetros, percorrendo uma picada intransitável, através de áreas povoadas de grandes e densas matas.

Essas deslocações realizadas por uma coluna que teria no máximo duas viaturas, e não nas melhores condições, eram viagens tormentosas, demoradas, sujeitas a avarias e outros riscos e ainda a um encontro com um grupo de guerrilheiros infiltrado na região.

Eram pois muito espaçadas as idas à “civilização” dos homens da guarnição do Cuango e qualquer acontecimento que viesse quebrar o seu isolamento era bem recebido.

E assim sucedia sempre que eu ali ia em mis-



Povoação de Cuango

## «Incidente no Cuango,1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente

---



são procurando, com o Alferes Comandante do Pelotão, avaliar e classificar as notícias recebidas ou contactar elementos vindos do Congo, que atravessavam o rio em pequenas canoas.

Quando o avião em que normalmente ali me deslocava sobrevoava a povoação, não era já necessário estabelecer contacto rádio, pois víamos logo em baixo uma grande azáfama, enquanto elementos da guarnição corriam a aprontar a viatura que me iria buscar à pista onde o avião aterraria a poucos quilómetros de distância.

Ali eram descarregados os passageiros que o avião transportara, elementos do Pelotão que regressavam do hospital ou de licença, qualquer outra carga ligeira e o tão ansioso correio e, após receber o que houvesse para transportar para o Comando do Batalhão ou para Luanda, o avião levantava voo sem demora pois os pilotos queriam escapar às adversas condições de tempo que com o cair da tarde normalmente surgiam.

Numa das minhas deslocações aquela povoação, após termos sobrevoado uma das ilhas do rio e, com a conivência do piloto, lançado umas granadas de mão para a vegetação que a cobria e disparado com a arma automática algumas rajadas destinadas a quaisquer elementos IN que na ocasião ali pudessem estar, tomámos o rumo do Cuango, onde eu iria permanecer uns dias procurando os contactos que me trariam informações e notícias que me pudessem orientar no planeamento de futuras ações operacionais.

À aproximação do Cuango e ao sobrevoá-lo, esperávamos como era habitual, ver os preparativos da viatura que me iria buscar, mas desta vez nem vimos essa movimentação nem se conseguiu estabelecer contacto rádio.

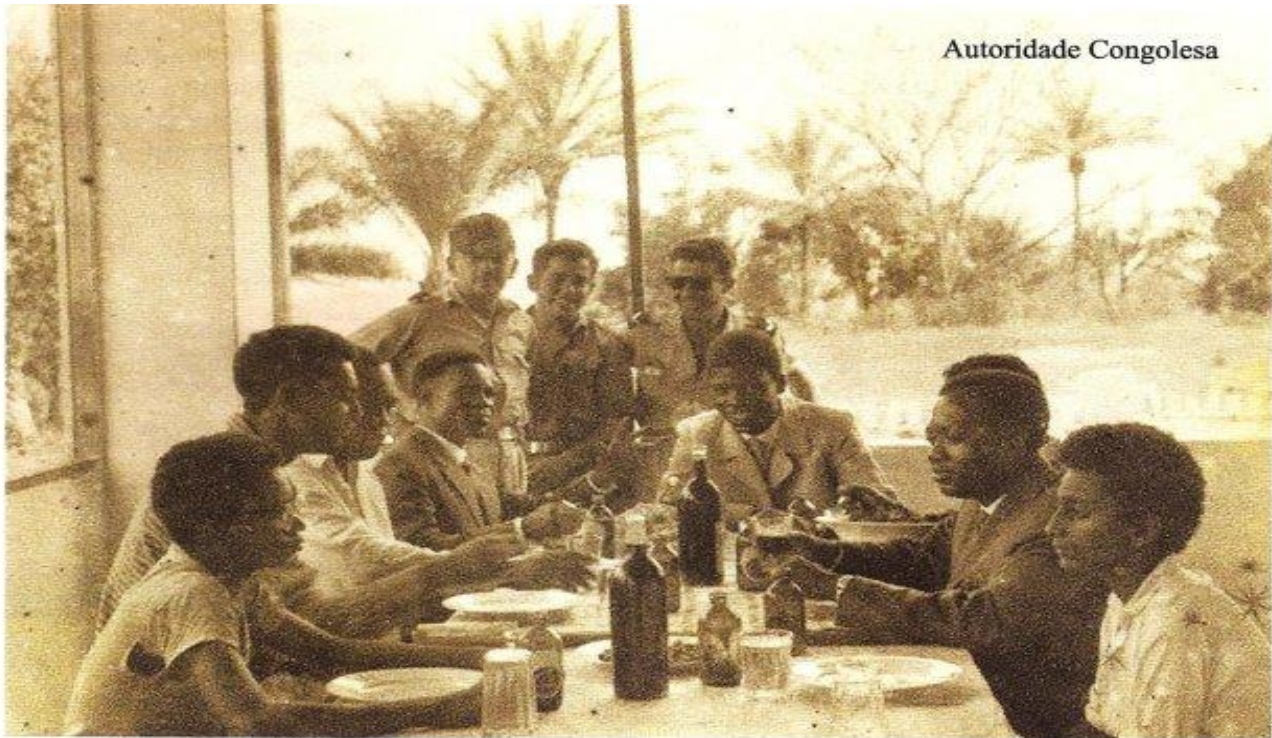
O facto causou estranheza, mas como o piloto tinha urgência em regressar à Base do Negage, sugeri-lhe que nos fizessemos à pista e que me deixasse desembarcar mesmo sem parar o motor, não perdendo tempo para descolar, certo que eu aguardaria por pouco tempo que a viatura me viesse buscar.

O avião descolou e ali fiquei com a minha arma e o saco de bagagem, não muito tranquilo perante a perspectiva de um mau encontro, aguardando a viatura que entretanto já tardava. Acharo a demora excessiva e não querendo mais ali ficar sozinho com o cair do entardecer e a chegada da noite, pus-me a caminho para percorrer os poucos quilómetros de picada até à povoação. À aproximação estranhei ainda não ver o militar de serviço ao “cavalo de frisa” (obstáculo móvel em arame farpado) que fechava a entrada da vedação de arame farpado.

Na ausência de toda a movimentação habitual à chegada do avião, temi que algo de extraordinário tivesse acontecido para justificar aquela situação fora do comum.

Transpus a entrada e ao aproximar-me mais do centro da povoação deparei com um espetáculo de facto extraordinário: no meio de grande algazarra,

## «Incidente no Cuango,1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente



um grupo de militares da guarnição, armados, sem obedecer às ordens dos furriéis e do próprio Alferes Comandante do Pelotão, preparava-se para assaltar as casas dos cipaiais da Administração.

Tomei de imediato medidas drásticas para pôr cobro à situação e, à bofetada, pontapé e empurrão, gritando ordens por cima da vozearia, levei os militares a reunirem-se no que, daí a algum tempo depois, se tornou numa formatura militar minimamente ordenada e alinhada.

Chamando o Alferes e os Furriéis quis que me informassem sobre o que estava a acontecer e foi-me então revelada a causa de toda aquela agitação: alguns dias antes, o Administrador do Posto tinha mandado vir do Congo duas mulheres congolezas para o seu “serviço” pessoal.

Bonitas, vestidas com panos vistosos e adornos tradicionais, aquelas mulheres contrastavam de forma chocante com as condições de miséria e privação das mulheres da sanzala da povoação. O Administrador dispunha dos seus “serviços” e suponho que, para o efeito, elas partilhavam dos alojamentos disponíveis na sua casa. A situação de privação em que se encontravam e a presença daquelas “belezas”, logo despertou nos militares o ardor de paixões há muito contidas e por certo as tentativas de namoro e as ofertas de “serviços” não se fizeram esperar. O Administrador, quando se apercebeu do que se passava, resolveu colocar as mulheres à guarda dos cipaiais da Administração.

Os militares não gostaram de se ver priva-

dos das suas “namoradas” e quando procuravam de novo os seus favores foram impedidos pelos cipaiais que assim cumpriam ordens rigorosas do Administrador. Foi aí que a paixão incendiou de facto os ânimos e levou os apaixonados “Romeus” a procurar resolver a situação nem que fosse à custa da força das armas.

A minha chegada ao Cuango ocorrera pois precisamente quando a tomada das mulheres pela força já havia sido decidida e, em consequência, iria por certo seguir-se uma disputa violenta, talvez com tiros, pois ambas as partes tinham as suas armas e mesmo que os cipaiais se intimidassem iriam por certo oferecer alguma resistência, real ou simulada, para não deixar facilmente de cumprir as ordens do Administrador por medo das suas represálias.

A forma como então intervim foi eminentemente oportuna e eficaz, e fez suspender aquela tremenda confusão, pois consegui impor a ordem e a disciplina que entretanto haviam deixado de existir, restando-me depois resolver e pôr fim à aberrante situação, não só eliminando as suas causas como procurando evitar os seus efeitos.

Dei ordem ao Alferes Comandante do Pelotão para mandar recolher os militares aos seus alojamentos e procurei falar com o Administrador, que cobardemente assistira a toda a cena fechado no Posto Administrativo.

Confirmei as informações recebidas do Alferes que colocavam na origem do problema a presen-

## «Incidente no Cuango,1962» autor: Tenente-General Figueiredo Valente

ça das mulheres congolezas e a primeira ação que logo tomei foi mandar as mulheres de imediato recambiadas para o Congo. Retirado o “material combustível”, as paixões perderiam o seu ardor e deixaria de haver razões para o ambiente permanecer incendiável. E assim de facto sucedeu logo que, sem demora, as duas “Julietas” foram postas numa canoa e transportadas para a sua terra.

Falei então com o Administrador e comuniquei-lhe que iria participar o caso superiormente pois o seu procedimento irresponsável era inadmissível e poderia ter dado lugar a um grave incidente.

Acalmados os ânimos e trazidos os intervenientes à razão, a situação entrou de novo na rotina do cumprimento das tarefas e obrigações que a cada um competiam.

Quando acabei a missão que ali me levava regresssei ao Comando do Batalhão onde comuniquei a ocorrência e fiz seguir participação do sucedido e das medidas tomadas para o Governador do Distrito, o então Coronel Rebocho Vaz.

Soube depois que o Administrador de Posto que causara todo aquele reboiço havia sido substituído e transferido para bem longe dali.

A guarnição do Cuango foi entretanto rendida, dentro do sistema normal de rotação dos destacamentos e não tive conhecimento de mais incidentes dessa natureza naquela ou noutra guarnição.

O certo porém é que o lume ao pé da palha pega fogo, e situações como a que se verificou naquelas circunstâncias eram possíveis de acontecer e deveria haver o cuidado de não as proporcionar.

À noção de responsabilidade das funções desempenhadas e das missões assumidas há sempre que adicionar adequada porção de bom senso e sentido de disciplina.

E foi o que ali faltou. E isto não só em África! ☹

---

PS – Solução de circunstância – Enquanto permaneci no Cuango observei com curiosidade e alguma surpresa o comportamento dos elementos da guarnição da Guarda-Fiscal no que dizia respeito ao cumprimento das suas tarefas no âmbito da missão que tinham atribuída.

Não havendo na região condições de segurança devido às circunstâncias então vividas e não dispondo dos meios adequados para assegurar as missões de controlo da fronteira e cumprimento das normas aduaneiras, os elementos da Guarda Fiscal mantinham contudo uma rotina adaptada de serviço de escala que, sem qualquer eficácia real, os obrigava a umas rondas e serviços que, no mínimo, lhes asseguravam dessa forma os emolumentos ou gratificados que a sua prática lhes garantia.

Quanto ao serviço interno, mantinham um homem de permanência à entrada do Posto, e o serviço de vigilância e controlo exterior era cumprido percorrendo a rudimentar picada que acompanhava o arame farpado que rodeava a povoação.

E assim a missão não deixava de ser cumprida!

